



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA – PB
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

DAIANA DE LIMA PEREIRA

***NO CAMINHO DO BEM: CONSIDERAÇÕES INICIAIS ENTRE HISTÓRIA E
CINEMA NO FILME *CIDADE DE DEUS* (2002)***

**GUARABIRA
2019**

DAIANA DE LIMA PEREIRA

***NO CAMINHO DO BEM: CONSIDERAÇÕES INICIAIS ENTRE HISTÓRIA E
CINEMA NO FILME *CIDADE DE DEUS* (2002)***

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

Orientador: Dr^o. Carlos Adriano Ferreira de Lima

**GUARABIRA
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436c Pereira, Daiana de Lima.
No caminho do bem [manuscrito] : considerações iniciais entre história e cinema no filme Cidade de Deus (2002) / Daiana de Lima Pereira. - 2019.
18 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima, Departamento de História - CH."
1. Cinema. 2. Audiovisual. 3. Cidade de Deus. I. Título
21. ed. CDD 791.43

DAIANA DE LIMA PEREIRA

**NO CAMINHO DO BEM: CONSIDERAÇÕES INICIAIS ENTRE HISTÓRIA E
CINEMA NO FILME CIDADE DE DEUS (2002)**

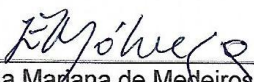
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Graduação em História.

Aprovada em: 28/11/19.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Alômia Abrantes da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Primeiramente a Deus. Em seguida, ao meu namorado, ao orientador Dr^o. Carlos Adriano Ferreira de Lima, aos meus familiares e amigos (as), que não mediram esforços para me dar apoio e sempre acreditaram em mim, DEDICO.

Paradoxal: fiz um filme para falar da pobreza e a violência e acabei aprendendo muito sobre a felicidade.
(MEIRELLES *In*. MEIRELLES, Mantovani, 2003, p. 12)

LISTRA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Zé Pequeno e sua equipe	14
Figura 2 - Buscapé cercado.....	15

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 DESENVOLVIMENTO	11
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS	17

NO CAMINHO DO BEM: CONSIDERAÇÕES INICIAIS ENTRE HISTÓRIA E CINEMA NO FILME *CIDADE DE DEUS* (2002)

ON THE PATH OF GOODNESS: INITIAL CONSIDERATIONS BETWEEN HISTORY AND CINEMA IN THE MOVIE *CIDADE DE DEUS* (2002)

Daiana de Lima Pereira

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo de discussão a produção cinematográfica *Cidade de Deus* (2002) dirigida por Fernando Meirelles, baseada no romance homônimo (1997) escrito por Paulo Lins. Considerado pela crítica especializada um marco no cinema brasileiro e mundial, o filme demonstra, de forma significativa, a chegada e o crescimento da Cidade de Deus, especialmente localizada no Rio de Janeiro nos anos 1960, 1970 e 1980. A narrativa é concentrada em três décadas; o início da comunidade e profusão da criminalidade, representada nos personagens: Cabeleira, Bené e Zé Pequeno. Na contramão, a história de Buscapé, jovem que mora na favela e se torna protagonista e narrador, cujo sonho é ser fotógrafo profissional. Desse modo, procuramos analisar qual interpretação o filme constrói do personagem e da sociedade Cidade de Deus no cotidiano, as histórias, a violência e a vida local. Portanto, essa discussão envolve a análise da importância do cinema para a sociedade, de forma a mostrar o cenário cinematográfico diante da produção cultural e dos conhecimentos históricos na construção da história na contemporaneidade. Para tanto, recorreremos ao diálogo com a relação cinema e história a partir dos seguintes referenciais: Ferro (1992), Brito (2006), Caetano (2007), Oricchio (2003), Sorlin (2009) e Meleiro (2010).

Palavras-chave: Cinema. Audiovisual. Cidade de Deus.

ABSTRACT

This article discusses the film production *Cidade de Deus* (2002) directed by Fernando Meirelles, based on the homonymous novel (1997) written by Paulo Lins. Considered by critics as a milestone in Brazilian and world cinema, the film significantly demonstrates the arrival and growth of *Cidade de Deus*, especially located in Rio de Janeiro in the 1960s, 1970s and 1980s. The narrative is focused on three decades; the beginning of the community and profusion of criminality, represented by the characters: Cabeleira, Bené and Zé Pequeno. On the other hand, the story of Buscapé, a young man who lives in a shanty town and becomes protagonist and narrator, whose dream is to be a professional photographer. Thus, we seek to analyze which interpretation the film builds of the character and society *Cidade de Deus* in everyday situations, stories, violence and local life. Therefore, this discussion involves the analysis of the importance of cinema for society, in order to show the cinematic scenario in the face of cultural production and historical knowledge in the construction of history in contemporary times. To this end, we resorted to dialogue with the relationship between cinema and history from the following references: Ferro (1992), Brito (2006), Caetano (2007), Oricchio (2003), Sorlin (2009) and Meleiro (2010).

Keywords: Cinema. Audiovisual. Cidade de Deus.

1 INTRODUÇÃO

No caminho do bem: considerações iniciais entre história e cinema no filme Cidade de Deus (2002) é um trabalho de conclusão de curso que opta por uma leitura da produção cinematográfica *Cidade de Deus*, dirigida por Fernando Meirelles¹. A escolha do início do título: *No caminho do bem*, música interpretada por Tim Maia, deve-se ao fato de fazer parte da trilha sonora da película e por dialogar com o enredo e escolhas dos personagens. Para seguir o caminho de nosso texto, iniciamos com a contextualização.

O cinema brasileiro se destaca no campo de pesquisa e debates. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo descrever a trajetória da cinematografia a partir do filme *Cidade de Deus*, que apresenta, ao longo de sua história, os anos 1960, 1970 e 1980. Nesse trabalho, serão pontuadas as possibilidades advindas do cinema, mostrando a importância de estudar a cinematografia brasileira. Essa análise permite esquematizar os principais aspectos históricos do cinema, citando alguns pesquisadores/historiadores do cinema.

Muito se discute a respeito da relação entre cinema e história e destaca-se a produção do historiador Marc Ferro, uma das principais referências no tema por sua abordagem sobre o assunto desde os anos de 1970. Ele discute essa relação de forma profunda, apresenta as diversas possibilidades que ambos têm em comum, evidenciando que as diversas obras são singulares e que há uma inter-relação entre a produção cinematográfica e a história. Seu livro é dividido em catorze capítulos e, em cada um, mostra o desencadear do cinema e do pensar histórico.

Marc Ferro (1992) aponta também, em seu livro *Cinema e História*, os acontecimentos do século XIX, assinalando uma narrativa histórica que contribui para o posicionamento das fontes históricas. Com isso, ele mostra que é através dos mecanismos e das seleções de filmes que podemos passar para o espectador as diversas histórias por meio da cinematografia. Além disso, o cinema vem sendo utilizado como dispositivo de proveito das classes predominantes, porém, podemos dizer que é desde o século XIX que as câmeras já filmavam os acontecimentos de familiares influentes.

Com isso, Ferro, no primeiro capítulo do livro, exhibe pontos em que o cinema e a história se relacionam, nos quais destaca o agente histórico, a competência produtiva, a característica abordada no filme, e também a leitura histórica e a cinematográfica, entre outros fatores. A cinematografia ocorreu entre o fim do século XIX e o início do século XX, segundo Marc Ferro. Assim, o cinema passou a ser visto como ferramenta da história, isso porque, a partir das novas transformações de leituras historiográficas, estudos mostram que há relação entre o cinema e a história. Dessa forma, a cinematografia é considerada como fonte histórica para os dias atuais, de modo que o cinema se torna um agente da história.

Tendo como cerne a produção cinematográfica e os impactos políticos/sociais, no terceiro capítulo Ferro aborda sobre *O poder soviético e o cinema*, ficando claro que o cinema não deixou de ser autônomo. Com essa postura é considerado como instrumento de propaganda, pois é a partir dos filmes que são contadas as histórias vivenciadas no dia a dia, como também as histórias dos antepassados.

Por conseguinte, Marc Ferro apresenta a produção cinematográfica voltada para um discurso de valores americanos. Diante de todos esses relatos apresentados

¹ Mesmo que ocorra uma relação de autoria no cinema, resumindo ao diretor Fernando Meirelles a obra cinematográfica, observa-se que Katia Lund figura nos créditos do filme como codiretora. Além de ter participado de várias sessões de reescrita do roteiro (MEIRELLES, MANTOVANI, pp.12-13).

por Ferro em seu livro, o qual vai do processo de produção de filmes até a influência política/social, ele é uma referência do âmbito da historiografia, no que se refere à relação cinema/história.

Já Pierre Sorlin (2009) questiona a respeito dos historiadores que se familiarizaram com as imagens fixas, retratos, fotografias, entres outros, que estão presentes tanto no espaço documental, como em arquivos escritos, segundo o autor. Mais adiante, analisa as narrativas televisivas e como elas estão inseridas na história. Pierre Sorlin diz que a televisão passou a fazer parte do nosso cotidiano. Sendo assim, o cinema não obteve o mesmo impacto que a televisão, pois enquanto ela entra no espaço privado, o cinema é uma construção refinada que está sempre em conjunto, desde a elaboração dos filmes até chegar à exibição para o público.

Diante do pensamento de Pierre Sorlin, as narrativas históricas estão ligadas aos encadeamentos entre passado e presente, nos quais planeja ideias para o futuro, e as narrativas televisivas são introduzidas de imediato.

Desta forma, podemos dizer que a cinematografia é uma narrativa histórica diante de uma cronologia presente em uma visão crítica dos fatos.

Ela está ligada ao fato de que a crônica não escolhe mais do que aquilo que, do ponto de vista da história, não é mais do que um conjunto de mudanças que pode ser reconstituído na lógica de seu desenrolar, através de uma seleção e colocando-lhe em perspectiva. Talvez, sem estar sempre conscientes disto, os historiadores aplicam uma filosofia do tempo como movimento e é esta concepção da pesquisa que a televisão está em vias de ameaçar (SORLIN, 2009, p. 44).

Diante de tais fatos, podemos dizer que, para o historiador, pensar no audiovisual é uma situação complicada e preocupante, as câmeras são responsáveis pelas imagens, logo adiante está presente a ficção, que atravessa a subjetividade do filme. Porém, quando se pensa no espaço da narrativa cinematográfica, podem ser destacados dois tipos: no caso de filmes, a ficção, e nos documentários, o real. Com isso, podemos dizer que é objeto de análise histórica. Além disso, o cinema é visto como fonte histórica, produtor e intérprete de visões do passado.

Além do mais, Pierre Sorlin pensa o cinema histórico como presente e passado, ou seja, são apresentados por datas e eventos que são produzidos, exibidos e destituídos aos espectadores. Outra forma são os filmes históricos, que são construídos a partir de saberes históricos que criam, produzem e reforçam; e, por fim, a narração filmada da história.

Os autores Mariza de Carvalho Soares e Jorge Ferreira (2006) apresentam, em seu livro *A história vai ao cinema*, algumas análises de filmes através de convidados (historiadores) para contar a história, a partir das quais surgem questões democrática, nacional, de desigualdade social, identidade cultural, entre outras. Os historiadores/autores fizeram uma releitura cinematográfica para, depois, escreverem a abordagem histórica do filme, histórias contadas a partir do século XX que são produzidas como recursos audiovisuais, nos anos 70, 80 e 90.

A obra de Mariza de Carvalho Soares e Jorge Ferreira (2006) reúne vinte filmes brasileiros que foram analisados por historiadores. Alguns filmes analisados por esses historiadores foram: *Dona Flor e seus dois maridos* (1976), *Alaluia*, *Gretchen* (1976), *Emoção e razão numa lição de amor* (1976), *As três fases de Xica* (1976), entre outros que, juntos, trouxeram o sucesso comercial. Tais filmes foram, também, resultado de críticas, nos quais atravessaram discussões daquela época.

A História vai ao Cinema traz uma sequência de artigos, em que historiadores apresentam seu ponto de vista.

Parte representativa da filmografia brasileira, por exemplo, transita justamente neste campo, no qual lembranças pessoais, memórias de grupos e mesmo pesquisas historiográficas mais sistemáticas têm levado à elaboração de filmes que constituem, hoje, quase um gênero narrativo, com características próprias (SOARES; FERREIRA, 2006, p. 11).

A cinematografia produz discursos de acordo com o roteiro, uma linguagem que é adotada ideologicamente no mercado. Com isso, essa análise cultural e cinematográfica está adequada dentro de um plano linguístico envolvendo História e Cinema.

O cinema está rodeado de pesquisadores para conhecê-lo melhor, dentre os quais podemos citar também Alessandra Meleiro (2010), que apresentará outro lado do cinema, a partir do seu livro *Indústria Cinematográfica e audiovisual brasileira*, Volume III. Questionará as principais habilidades da indústria nacional, porém abordando como o mercado recebe essa informação e como ganha ou não em cima dela.

A obra desperta no leitor a curiosidade sobre as questões abordadas em relação a *Cinema e Mercado*, que introduz o marketing da indústria audiovisual brasileira. Com isso, a autora traz ideias claras em suas pesquisas audiovisuais. Alessandra Meleiro diz que a Indústria Cinematográfica e Audiovisual Brasileira está voltada para o mercado cinematográfico, porém não é natural, mas é vista como produto da indústria, isso diante das análises feitas por diversos pesquisadores do assunto.

O mercado de imagens em movimento foi uma das últimas criações do capitalismo monopolista da virada do século XIX para o XX. A economia cinematográfica nasceu na órbita de uma economia-mundo que se encontra na raiz do presente processo macroeconômico de globalização (MELEIRO, 2010, p. 8).

Além disso, a autora apresenta vários âmbitos desse campo audiovisual, por meio dos quais passa para o leitor conteúdos que abrangem, em sua leitura, gráficos, ilustrações e fotografia; isso tudo para mostrar esse lado mercadológico da cinematografia. As exposições permitem ao leitor examinar como de fato é essa indústria audiovisual e, ao mesmo tempo, apresentam um pensamento interdisciplinar, envolvendo escassez nos procedimentos dessa indústria.

Mercados cinematográficos surgiram nos Estados Unidos e na Europa, e o entretenimento fílmico logo se revelou como algo de largo alcance social e econômico. A novidade se espalhou rapidamente, passando a ser uma atração recorrente nas mais diversas localidades. Houve também o surgimento das primeiras salas fixas. O mercado assume seu corpus. Ainda há o surgimento de outras tecnologias de difusão e apreensão de imagens que vieram ampliar o escopo econômico da produção de bens simbólicos audiovisuais (MELEIRO, 2010, p. 8).

Diante das pesquisas realizadas, pode-se observar que qualquer produção cinematográfica é considerada como fonte para estudos históricos. Cabe ao historiador aprofundar-se e conhecer seu campo social e seus valores dentro da produção, e, com isso, conhecer as verdades sobre o tema abordado e debatido no

filme, seja no envolvimento intelectual, cultural, político ou social (entres outros). Só assim o filme é apresentado ao público.

2 DESENVOLVIMENTO

Na cinematografia brasileira, a película *Cidade de Deus* (2002) dirigida por Fernando Meirelles, marca o período conhecido como cinema da retomada. Optamos também pelo livro *CDD: o Roteiro do Filme*². A justificativa para recorrer ao mesmo é compreender o processo de produção da obra fílmica que corresponde à décima segunda versão do roteiro (MEIRELLES; MANTOVANI, p. 13).

A linguagem cinematográfica vem realizando um enorme impacto para os indivíduos, podemos dizer que é uma continuidade entre cinema e vídeo. Dessa forma, compreende-se que a história do cinema brasileiro está relacionada em épocas distintas. A historiografia cinematográfica inclui filmes de associação e domínio de Hollywood, e podemos citar o surgimento do cinema internacional, além de ressaltar que, nos anos 80, houve uma crise na história do cinema.

A história do cinema brasileiro, segundo Soares e Ferreira (2006), Meirelles (2003), Ferro (1992), Oricchio (2003), Sabadin (2018) e entre outros pesquisadores que realizaram diversos estudos para mostrar que o cinema vem conseguindo ultrapassar os limites do próprio país, obtendo repercussão internacional. Estudos evidenciam que com o surgimento de novas tecnologias, os filmes vêm ganhando destaque com diversos e variados gêneros, sejam eles romance, ação, aventura, comédia, clássico, crime, etc.

Podemos dizer que esse é um dos conteúdos culturais disponibilizados pela mídia, no qual está vinculado ao mundo contemporâneo, pois os filmes proporcionam ao indivíduo um olhar crítico, ou não, sobre a percepção do mundo. O cinema é capaz de despertar no espectador sentimentos e emoções, assim como também pode servir como outras fontes de conhecimento. Sendo assim, só depois dessa crise, aos poucos, o cinema teve sua retomada, exibindo, no Rio de Janeiro, filmes relatando fatos cotidianos das cidades europeias. Desse modo, ao longo desse período, a cinematografia brasileira conquistou grandes influências culturais e políticas do país.

Sabemos que o cinema foi erguendo-se aos poucos, com isso veio o impacto internacional. O filme *Cidade de Deus* (2002) trouxe consigo um marco no cinema brasileiro, teve um roteiro adaptado, com diversidades na fotografia e com uma direção ótima, relatando fatos do cotidiano na favela do Rio de Janeiro.

A partir do romance de Paulo de Lins, de mesmo nome, publicado em 1997, que, por sua vez, é muito importante para a literatura brasileira contemporânea, pois ultrapassa as fronteiras, após a adaptação cinematográfica de Fernando Meirelles e Kátia Lund (2002), em 2003, escreve *Cidade de Deus – O Roteiro do filme*, logo em seguida lança o Filme *Cidade de Deus* (2002), ambos inspirados no romance de Paulo Lins, cujo roteiro de Bráulio Mantovani vai dos anos 1960 aos anos 1980.

São apresentados eventos ocorridos na Cidade de Deus, como a vida difícil e, ao mesmo tempo, perigosa, o crime organizado, a violência policial, entre outros fatores, lembrando que o autor do romance era morador da comunidade no período de escrita do livro. Além do mais, é mostrado um pouco da vivência de vários personagens que moram na Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, esses personagens do filme foram a maioria da comunidade, ou seja, não eram profissionais, mas estavam ali para aprender junto com o autor/diretor do filme. O que o autor queria

² Para pesquisas sobre a produção, as versões anteriores do roteiro estão disponíveis nas bibliotecas da ECA/USP e da FAAP (MEIRELLES; MANTOVANI, 2003, p. 11).

mostrar à sociedade era uma mídia diferente do que estavam acostumados a ver, e foi o que aconteceu.

O autor conta a história de vida dos personagens, que eram moradores da favela. O que podemos destacar também é a diversidade cultural presente em Cidade de Deus, história praticamente baseada em fatos reais. Mostra os grandes traços culturais da periferia brasileira, a realidade que apresenta na ficção. Está presente também uma trajetória para cada parte das vivências do trabalho cinematográfico. Ademais, no livro, além do roteiro que é bem detalhado, são incluídas cenas que não estão na edição final do filme como destaca o autor, pois ele faz diversos cortes para melhor adequar ao filme.

No livro é narrado cada momento do filme, além de trazer alguns depoimentos, fotos que estão bem destacadas. No final do livro, mostram as curiosidades dos bastidores, e alguns dos autores principais falam um pouco sobre como ficou sua vida após o filme, que é um dos maiores recordistas de bilheteria do cinema nacional. Também existiram várias críticas relacionadas a ele. Segundo o crítico do cinema, Pablo Villaça (2002), o filme *Cidade de Deus* (2002) foi lançado no momento certo, diante das maiores crises violentas da história do país. Sua produção relata, de forma bem realista, o chocante universo do tráfico que é encontrado nos dias atuais.

Villaça ressalta, em sua crítica, que o filme mostra uma parte da sociedade que é desconhecida, e, ao mesmo tempo, encara essas favelas com constrangimento e preconceito. O filme narra uma série de acontecimentos verídicos que ocorrem na história de Cidade de Deus, favela situada no Rio de Janeiro. Além disso, o livro mostra para o espectador/leitor as difíceis escolhas de vida. *Cidade de Deus* impressiona em seus aspectos técnicos, com diferentes estilos de fotografia, para cada década retratada ao longo da história tem uma trilha sonora eficaz.

O cineasta não permite que o estilo do filme se torne mais importante do que o conteúdo, ou seja, mostra que a violência da época pode ser mais surpreendente do que poderíamos imaginar, já que “um simples tapa” no rosto pode levar à morte.

Dividido em três partes: a história de Cabeleira (Jonathan Haagensen), Bené (Phellipe Haagensen) e Zé Pequeno” (Leandro Firmino da Hora), apresentado no período de 1986 a 1993 mostra o cotidiano, as histórias, as violências e toda a vida local, traçando um papel de transformação social dos anos 1960, e relata o tráfico de drogas nos anos 1990. Os fatos são expostos pelo narrador e protagonista Buscapé (Alexandre Rodrigues). Também dá para perceber que o filme faz o acompanhamento da vida dos personagens que moram na Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, no qual é contada a história da comunidade segundo as perspectivas das vivências desde a infância desses personagens.

O personagem Buscapé, na época com 19 anos, foi o narrador/protagonista, ele é quem começa a contar a história a partir de seu conhecimento e vivência da comunidade, cresce no meio da violência, mas com o desejo de melhorias para sua vida. Ele diz que aquilo não era vida para ninguém, viver no meio de guerras entre facções, com isso, encontra a oportunidade de realizar o seu grande sonho, que é ser fotógrafo profissional, na busca de alternativa de vida. Apresentaremos alguns dos personagens que consideramos mais significativos ao enredo.

Cabeleira, nesse período estava 19 anos, era outro cineasta do filme e irmão de Bené, que era o líder do *Trio Ternura* e fazia parte do grupo de ladrões, porém os lucros arranjados nos assaltos eram compartilhados com a população da comunidade Cidade de Deus.

Outro integrante do bando era Dadinho (Douglas da Silva), com 14 anos de idade. No decorrer do enredo, percebemos o crescimento do personagem pela vida

do crime. Seu sonho era ser, um dia, o dono da Cidade de Deus. Quando seu amigo Bené (Phellipe Haagensen) é morto, ele fica descontrolado, isso faz com que aumente mais ainda sua ira e desejo de vingança, de morte, ele fica sem limites. Com o passar do tempo, ele muda seu nome para Zé Pequeno (Leandro Firmino da Hora, 24 anos), em uma cerimônia de candomblé. Zé Pequeno torna-se um traficante de drogas, e sente prazer em matar seus rivais, tornando-se um criminoso que faz de tudo para vencer na vida.

Outro personagem, Bené (Phellipe Haagensen), de apenas 18 anos, é amigo de Zé Pequeno, mas diferente de Zé Pequeno, é mais paciente e consegue controlar a fúria. No decorrer do filme ele é morto em uma festa de despedida, conhecido na cidade e amado por todos, manteve a paz na cidade por algum tempo.

Também tem a Berenice (Roberta Silva), na época com 21 anos, que é a namorada de Cabeleira, ela aparece na primeira fase do filme. Já File-com-frita (Darlan Cunha), de 14 anos, participante do filme por curta metragem, é encontrado por Zé Pequeno, que convoca os bandidos para atacar na favela. Outro personagem é o Cenoura (Matheus Nachtergaele), um traficante que tem como rival Zé Pequeno, ele é quem promove as guerras entres as facções e consegue manter a sua “boca de fumo”.

O Mané Galinha (Seu Jorge), cobrador de ônibus que mora na Cidade de Deus, que tinha sido atirador do exército por algum tempo, tem uma vida tranquila e honesta, porém, Zé Pequeno começa a assediá-la e chega até a estuprá-la. Depois desse fato ele fica descontrolado. A partir desse momento, começa a guerra entre Zé Pequeno e Mané Galinha, que repetia várias vezes que não era bandido, mas estava se vingando da tragédia ocorrida com sua namorada.

Na primeira parte do filme, temos uma idealização marcada pela fotografia nostálgica, focalizada na ocupação local, a história vivenciada, os surgimentos das quadrilhas, os assaltos, entres outros aspectos, tudo isso por causa do dinheiro. A segunda parte mostra o tráfico de drogas, que gera o início do poder no comando da Cidade de Deus e a mudança da paleta de cores no filme. A terceira parte está centrada em Zé Pequeno, que é conhecido como comandante do tráfico, nessa parte acontecem também diversas mortes, corrupções políticas, justiça feita pelas próprias mãos, entre outros episódios que ocorrem no decorrer do filme.

O filme é uma representação cinematográfica da favela: a violência, crianças no mundo do crime, policiais envolvidos em crimes, corrupção, desprezo, feminicídio, etc. Começa com uma cena de perseguição a uma galinha que fugiu para não ser sacrificada. Com cortes rápidos e montagem acelerada, temos a perspectiva galinácea do que ocorrerá poucos minutos depois ao protagonista e narrador ao se encontrar numa situação limite, cercado entre Zé Pequeno e sua trupe (Imagem 1) e a polícia na figura do personagem Cabeção (Maurício Marques). Para enfatizar a dimensão trágica de que pode ocorrer o efeito *bullet time*.

Destacamos, dentre outras cenas interessantes, a que foi transformação de Dadinho em Zé Pequeno; mais adiante a de Zé Pequeno pedindo para a criança escolher onde queria levar o tiro: na mão ou no pé, uma das cenas mais incômodas do filme, tanto pelo realismo como pela crueldade no rito de iniciação de um dos personagens.

Cidade de Deus é um bairro do Rio de Janeiro, conhecido como o mais violento, é nesse lugar que o filme é dirigido. O romance foi lançado em 1997, o qual debate a violência e o cotidiano das pessoas daquela comunidade, tem a história contada sobre grupos de amigos da favela, em três épocas, nos anos 60, 70, 80. Com isso, o livro se tornou motivo de críticas.

O *Palace II*, como é mencionado no livro *Cidade de Deus – O Roteiro do Filme*, roteiro finalizado para o cinema, recebeu muitos prêmios, mas diversos críticos questionaram a respeito das análises feitas sobre o tratamento dos aspectos e as reproduções. Porém o que o diretor queria era percorrer trajetos para CDD.

Um dos personagens em destaque no filme foi o Buscapé, além de se apresentar na tela, ele narra a história da Cidade de Deus, como mostra no início do filme. Nesse contexto, o filme é apresentado em 2 horas e 9 minutos, não tem partes e ocorre em um só momento, cada cena melhor que a outra; para isso a narrativa tem uma história linear, pois ocorre espontaneamente na passagem dos anos. A história é contada através de idas e voltas, com o intuito de mostrar os personagens, os *flashbacks* acontecem constantemente, isso ocorre para desenvolver cada cena do filme e faz com que o espectador fique curioso acerca de cada cena, faz parte da complexidade para montar as peças do trabalho e do roteiro apresentado.

O filme *Cidade de Deus* apresenta uma percepção do contexto social e cultural no local onde aconteceu. O diretor põe todo o seu trabalho e desempenho nesse filme sobre tráfico, com autores desconhecidos. Tinha tudo para dá errado, mas deu certo e ganhou 54 prêmios, dentre eles o Oscar na categoria de melhor diretor, além de ter um roteiro apropriado, com edição fotográfica de qualidade. É um filme realizado com muitos personagens, isso no início, mais adiante esse número foi reduzido. Uma das primeiras cenas do filme, podemos destacar nas imagens a seguir:

Figura 1 - Zé Pequeno e sua equipe



Fonte: Captura do frame do filme (4m7s).

Esta cena apresenta o momento em que estão correndo atrás de uma galinha, é a introdução da história/filme. Todos entram na vida do crime ainda quando crianças, muitas vezes eles não frequentam a escola e não têm familiares presentes, estão desamparados, isso faz com que vivenciem a violência diariamente, de modo que essa rotina se torna normal entres eles. Os mesmos meninos apontam a arma para os policiais, a fim de intimidá-los e dizer que quem manda naquele espaço são eles.

Assim, é do crime que ganham seu dinheiro, e, muitas vezes, esse é o único meio de amparo, o qual passa a ser visto como possibilidade de “carreira”, ou seja, seu meio de sobreviver na comunidade. São apenas meninos/crianças, mas estão ali para matar e até morrer, se for o caso, isso para honrar a facção da qual fazem parte, são crianças vistas como homens. Essa cena é relatada nos “4m7s” do filme.

Figura 2 - Buscapé cercado



Fonte: Captura do frame do filme (3m54s).

Esse é o Buscapé, o narrador/protagonista do filme, esse é o momento em que ele está de frente para a galinha e o bando de Zé Pequeno, também é um dos meninos que vive na comunidade, porém corre da vida do crime. Seu sonho é ser um fotógrafo, pois teme pela sua vida. Quando vê todas aquelas armas apontadas em sua direção, tem a certeza de que aquela não é vida para ninguém e isso faz com que ele mude seu destino e procure melhorias para sua vida.

Com o passar do tempo, ele consegue um emprego de entregador no jornal, não como fotógrafo, mas como ajudante. Com algum tempo, seu amigo de trabalho vê algumas imagens que Buscapé tinha tirado dos “bandidos” na favela, com a câmera que ganhou de seu amigo Bené. Ele mesmo nunca tinha conseguido chegar tão perto e isso, para Buscapé, não era problema, pois além de algumas daquelas pessoas serem suas amigas, ele já estava acostumado a frequentar a comunidade, foi assim que viu que seu sonho de virar fotógrafo estava perto de ser realizado, pois as suas fotos seriam publicadas naquela revista como capa principal.

Buscapé é um garoto que cresce em meio à violência, que tem o desejo diferente de todos os outros garotos que moravam na Cidade de Deus. Era a partir das guerras entre facções que ele encontrava a oportunidade para realizar o seu grande sonho de se tornar fotógrafo.

O livro sobre Fernando Meirelles (2007), escrito por Maria do Rosário Caetano (2007), realizou uma entrevista sobre o filme, recorrendo aos registros da revista Cine-Olho, Sinopse e Cinemas, tornando uma biografia que fala um pouco sobre a vida pessoal, sem deixar omissões na sua história no decorrer da entrevista. Mostra a realidade através de uma indústria cinematográfica nacional, na qual informa como é a vida de um cineasta e, ao mesmo tempo, descreve as dimensões e circunstâncias de como o cinema é dirigido.

Outro autor que discutirá as perspectivas sobre o cinema é João Batista Brito (2006), mostra a retórica da literatura diante do cinema e o cinema sobre a cultura literária, apresentando as relações que estão presentes entre literatura e cinema. João Batista Brito é reconhecido como um dos melhores críticos cinematográficos. Em seu livro *Literatura no Cinema*, faz diversos questionamentos sobre o cinema, no qual cita:

[...] três características fundamentais do cinema consagrado (estaticamente falado!) ao longo do século: (1) representacionalidade; (2) ficcionalidade; (3) narrativa. Ao contrário de um quadro abstrato, o filme é, sim, essencialmente “realista”; ao contrário de um documento, o filme é, sim, “ficcional”; ao contrário de um poema lírico, o filme é, “narrativo”. [...] estudiosos da cultura moderna tenham apontado o cinema como o substituto do grande romance do século XIX, aquele que (1) tinha o começo, meio e fim e (2) sobreviveu, independentemente de seu valor artístico, do consumo (BRITO, 2006, pp. 167-168).

Além disso, João Batista Brito fez o livro dividido em três partes que discutirá, nas duas primeiras, algumas críticas de filmes, em seguida apresenta a parte teórica da história do cinema, ou seja, a leitura do “Texto literário e filme: como ler o confronto; Literatura, cinema, adaptação; narrativa em conflito”, com isso, é possível fazer, através dessa pesquisa, uma construção de análise sobre o cinema.

Para historiadores, e creio que para todos, parece óbvio que o cinema, sociologicamente falando, representou para o século XX, o que a ficção literária teria representado para o século XIX. Romance e filme teriam, assim, afinidades inegáveis, ambos grandes narrativas, que, dentro de dado modelo, conquistou um público e o fizeram cativo (BRITO, 2006, p. 158).

Rosália Duarte (2002), outra autora que trata do entendimento entre educação e cinema, também usa conteúdo do meio cinematográfico, com isso, diz que é uma forma de contextualizar os movimentos estéticos do cinema e a socialização dos indivíduos entre cultura e saberes sobre a visão do mundo, mostrando, assim, a importância do dialeto audiovisual para a sociedade. Em seu livro *Cinema e Educação*, presa na cultura, a linguagem escrita, as obras literárias, as leituras de imagens e as análises de filmes são artefatos considerados como méritos para o nosso cotidiano.

Diante das questões levantadas para essa pesquisa sobre o cinema, podemos destacar a diversidade de autores/cineastas trabalhando com as características da linguagem do vídeo, com isso, diretores e teóricos desse campo mostram para os espectadores e leitores que essa é uma postura referente aos cinemas dentro e fora do Brasil, com questões cinematográficas da época.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, podemos dizer que *Cidade de Deus* é um filme de consideráveis qualidades técnicas e estéticas, além da direção e atuação que constituem uma obra de grande significado para o cinema nacional. Diante desse fator, ele recebe quatro indicações de disputa ao Oscar. Esses prêmios foram oferecidos pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, filme esse dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund.

O lançamento do filme *Cidade de Deus* nas redes audiovisuais brasileiras em 2002 e indicações ao Oscar em 2004, percorre uma grande trajetória que vai desde o melhor diretor, fotografia, montagem e roteiro, que foi adaptado em 2004, no Oscar. Além dos prêmios adquiridos durante a jornada cinematográfica, o filme teve uma rejeição no estrangeiro devido ao excesso de violência e esse não era o tipo de filme que estavam acostumados a ver lançados, isso ocorreu em 2003. Quem ganhou o Oscar em 2004 foi o *Carandiru* como melhor filme estrangeiro.

Diante desses aspectos, *Cidade de Deus* recebeu 54 prêmios, participou de 19 festivais e ficou entre os melhores do ano. O primeiro prêmio foi o Bafta, o Oscar Britânico, através da qualidade de sua montagem, obtida por (Daniel Rezende), o outro foi o Golden Fog, conquistado por César Charlone, no Festival de Fotografia de Lodz na Polônia. Essas informações foram coletadas a partir do livro *Biografia Prematura de Fernando Meirelles* (2007); foi inesperado esse prêmio, pois concorria com outros filmes também muito bons, como *Senhor dos Anéis*, *Gangues de Nova York*, *Chicago* e *as Horas*. O autor/diretor ficou lisonjeado, pois esses prêmios eram reconhecidos no cinema do mundo afora.

O filme tem uma história, do início ao fim, brasileira, possui o idioma português, todos os seus atores e os demais profissionais são também brasileiros. É um filme que satisfaz os espectadores brasileiros, mas, talvez não seja o filme indicado para agradar ao público estrangeiro. Porém o que o diretor queria era que fosse sugerido para o Oscar. Conhecido como um dos marcos do cinema brasileiro, é o filme que se destacou como maior sucesso comercial e crítico do cinema nacional, e 17 anos depois de sua apresentação recebeu quatro indicações ao Oscar.

Diante dessa discussão, pode ser observado que, além dos autores que defendem o CDD, temos também os que criticam, com isso, o filme obteve artigos e até teses questionando o desencadeamento de *Cidade de Deus*, que foi analisado desde a economia ao cinema, além de debates que ocorreram em universidades.

Alguns dos críticos focam na parte em que *Cidade de Deus* apresenta a violência, isso é um dos motivos pelos quais o filme é criticado. Críticos do cinema brasileiro: Brito (2006); Caetano (2007); Duarte (2002); Ferro (1992); Meirelles (2010); Meirelles e Mantovani (2003); Sabadin (2018), Soares (2006); Sorlin (2009); Villaça (2002); Oricchio (2003), entre outros. Também, como já foi citado no decorrer do trabalho, reforçamos que o filme *Cidade de Deus* é um dos marcos do cinema brasileiro, além de ser superior no sucesso comercial e crítico do cinema nacional, tem um gênero único na sua reprodução, que mostra a imagem social do Brasil. Podemos dizer que é um dos melhores filmes do cinema brasileiro, desde o seu lançamento, que teve influências no campo audiovisual.

Fernando Meirelles traz, no seu filme, um longa-metragem que alcança inteiramente a curiosidade do espectador, retratando a grande realidade da cidade do Rio de Janeiro.

Dessa forma, essa pesquisa serve como ponto de partida para novos pesquisadores darem continuidade nas futuras análises, pois aqui é só o início da discussão sobre a cinematografia brasileira, é um tema amplo para debates e análises, por isso indico esse tema para quem tem curiosidade de aprofundar-se no estudo da temática.

REFERÊNCIAS

BRITO, João Batista de. **Literatura no cinema**. São Paulo: Unimarco, 2006.

CAETANO, Maria do Rosário. **Fernando Meirelles: Biografia Prematura**. 2. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

CIDADE de Deus. Direção de Fernando Meirelles, Katia Lund. Roteiro: Bráulio Mantovani. Rio de Janeiro: Imagens Filmes, 2002. Disponível:

<https://www.netflix.com/watch/60026106?trackId=14170286&tctx=7%2C0%2Ce2c1e>

372-3cf3-4676-bfdf-792f2530d062-125927%2C5ef0fcfa734-4628-b1a1-219e99b301ae_160186X3XX1569454066744%2C5ef0fcfa734-4628-b1a1-219e99b301ae_ROOT. Acesso: 08 jul. 2019.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução: Flavia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MELEIRO, Alessandra. **Cinema e mercado**. São Paulo: Escrituras Editora, 2010.

MERELLES, Fernando; MANTOVANI, Bráulio. **Cidade de Deus – Roteiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

ORICCHIO, Luiz Zanin. **Cinema de novo: um balanço crítico da Retomada**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SABADIN, Celso. **A história de cinema para quem tem pressa**. Rio de Janeiro: Valentina, 2018.

SOARES, Mariza de Carvalho; FERREIRA, Jorge. **A História vai ao Cinema**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SORLIN, Pierre. Televisão: outra inteligência do passado. *In*: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni B.; FEIGEILSON, Kristian (org.). **Cinematógrafo: um olhar sobre a História**. Salvador: UDUFBA/ São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

VILLAÇA, Pablo. **Crítica ao filme Cidade de Deus**. Disponível em: <http://cinemaemcena.cartacapital.com.br/critica/filme/6784/cidade-de-deus>. Acesso em: 02 mai. 2019.